

Marcas avaliativas no discurso de fonoaudiólogos sobre a interação com mães na clínica fonoaudiológica

MARIA DE FÁTIMA GARRIDO RODRIGUES

Fonoaudióloga. Doutora e Mestre em Linguística do Texto e do Discurso (UFMG). Professora titular do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade Única de Ipatinga, MG, Brasil

E-mail: fatimagarridofono@gmail.com



Resumo: Este trabalho é uma reflexão sobre como a língua se presta a descrever a prática clínica da interação dos fonoaudiólogos com mães sob a perspectiva sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), por intermédio das representações ideacionais e do Sistema de Avaliatividade, Subsistema Atitude (MARTIN; WHITE, 2005), a partir do discurso dos profissionais. Os fragmentos são parte de uma pesquisa aprovada por Comitê de Ética e Pesquisa. A análise apontou avaliações, como construções simbólicas, sobre a instância clínico-terapêutica, que revelaram sentimentos negativos acerca do tempo dedicado às mães e do sistema institucional, e positivos sobre a postura e a ética profissional. As posições e opiniões materializaram o efeito de obter solidariedade do ouvinte em relação aos discursos. Como efeito reprodutivo da estrutura social, os sentimentos emotivos emergentes foram a reação dos falantes a comportamentos de pessoas e simbolizaram regras por eles adotadas, que remeteram a sua representação de mundo.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional. Avaliatividade. Afeto. Fonoaudiologia. Interação social.

Abstract: This work is a reflection about how language is used to describe the clinical practice of the interaction of speech-language therapists with mothers under the systemic-functional perspective (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), through the ideational representations and the Appraisal System, subsystem Attitude (MARTIN; WHITE, 2005) from the professional's discourse. The fragments are part of a research approved by The Research Ethics Committee. The analysis pointed out evaluations as symbolic constructions about the clinical-therapeutic instance that revealed negative feelings about the time dedicated to mothers and the institutional system, and positive about attitude and professional ethics. The positions and opinions materialized the effect of obtaining solidarity from the listener about the discourses. As a reproductive effect of the social structure, the emotive feelings emerging the reaction to people's behavior and symbolized rules they adopt that referred to their representation of the world.

Keywords: Systemic Functional Linguistics. Appraisal. Affect. Speech-language Sciences. Social interaction.

Considerações iniciais

No que diz respeito à importância da comunicação entre pessoas, é relevante lembrar que nas interações o objetivo é não somente oferecer ou receber informações, mas também buscar consenso sobre algo, criar ou manter vínculos sociais e afetivos, expressar e influenciar ideias, gostos e comportamentos.

A língua é um poderoso recurso para que as pessoas busquem, nas relações, a concordância de seus pontos de vista e, com suas mensagens, possam alcançar seus propósitos.

Na instância clínica não é diferente. Os profissionais objetivam instituir um vínculo com seu paciente, bem como com sua família, com vistas a uma maior participação no processo terapêutico e assim buscam utilizar uma linguagem de modo estratégico para a obtenção de seus objetivos.

Em Fonoaudiologia, diversos estudos sobre a clínica fonoaudiológica abordaram questões sobre a relação dos pais com o profissional e buscaram valorizar a orientação às mães durante o processo terapêutico, além de discutir a importância das orientações para a mudança de postura materna (MASINI, 2004; LEMES; LEMES; GOLDFELD, 2006).

Ressalta-se a relevância desses estudos por estimularem nos profissionais uma postura ativa e terapêutica, legitimando assim o papel profissional. Contudo, necessário se faz considerar o indivíduo, a sua singularidade e aproveitar as diversas situações interativas com as mães na instância clínica, para abordar questões além dos sintomas, que possam ajudar no desenvolvimento de pacientes. Por conseguinte, ir além da formalidade das informações científicas possibilitando o desenvolvimento de uma relação construtiva importante e que possa ser uma relação mais solidária.

Neste estudo, a substituição do termo *orientação* por *interação*, apoia-se na perspectiva de interação como diálogo, como é a interação com mães de pacientes na clínica fonoaudiológica, situação na qual os significados construídos e compartilhados pelos indivíduos contribuem para a construção de conhecimentos. Na perspectiva dialógica bakhtiniana, considera-se que, em toda produção, oral ou escrita, o centro é o outro – nesse caso as mães – e a situação social na qual estão inseridas, instituindo, dessa forma, a relação texto/contexto (LEMOS, 1992).

A interação com mães, como evento comunicativo na clínica fonoaudiológica, possibilita compreender os contextos cultural e situacional, nos quais os indivíduos, usuários do serviço e profissionais se inserem, e como acontece uma prática desenvolvida a partir de práticas médicas, que visam tão somente a discutir as dificuldades de comunicação como patologias.

É senso comum de que a interação com o profissional serve para informar o quadro clínico e o trabalho realizado durante a terapia. A característica do espaço clínico como local de terapêutica e de assistência ao paciente reforça a existência de um modelo de atuação clínica tradicional de atenção ao problema (RODRIGUES, 2010).

Compreende-se haver uma dificuldade do fonoaudiólogo em lidar com o novo e com o que foge ao padrão, não só em relação à comunicação, mas também no que diz respeito à conduta profissional com mães de pacientes em tratamento.

O pouco domínio ou desconhecimento demonstrado em relação a novos paradigmas da Fonoaudiologia tem feito com que os fonoaudiólogos não saibam lidar com a palavra do outro. E qualquer aspecto que escape à configuração conhecida de trabalho suscita dúvidas nos fonoaudiólogos quanto a seu papel profissional. (MASINI, 2004, p. 192).

Durante a sua formação, o fonoaudiólogo aprende a lidar com o patológico, com sintomas e alterações da comunicação oral e/ou escrita dos atendidos, o que, pelo menos em princípio, não significa afirmar que aspectos subjetivos possam contribuir para a formação dos sintomas entendidos como problemas de comunicação e alterações fonoaudiológicas.

Historicamente, o fonoaudiólogo entende que lidar com a família, muitas vezes representada pela mãe, é algo além dos limites de sua atuação. Por outro lado, ampliar o olhar sobre a família significa motivá-lo a repensar seu papel profissional. Não significa que o fonoaudiólogo deva ter como objeto de intervenção a subjetividade dos indivíduos e ser visto como terapeuta da família. Contudo, no caso das mães, envolvê-las e sensibilizá-las é um dos objetivos para o alcance de suas metas, qual seja o seu comprometimento com o processo terapêutico e o desenvolvimento da criança atendida.

Por vezes, a relação entre fonoaudiólogos e mães de pacientes tende a ser estritamente profissional, pois busca oferecer informações sobre um caso clínico e orientar sobre as questões referentes à reabilitação. No entanto, a linguagem técnica profissional pode contribuir para incompreensões de questões relacionadas ao tratamento, uma vez que os participantes da interação nem sempre comungam interesses e conhecimentos.

Ampliar o entendimento de abordagem terapêutica, diferentemente da maneira como parece ocorrer, possibilita que venha à tona certa dificuldade de alguns fonoaudiólogos em lidar com aspectos subjetivos, como valores, crenças, cultura e conhecimento de mundo durante o processo terapêutico. Ponderar sobre essas questões implica refletir também se, de alguma maneira, os fonoaudiólogos prestam-se a reduzir as barreiras de comunicação, que porventura possam existir nessa relação.

Acredita-se que as interações sistemáticas do fonoaudiólogo com as mães de crianças em tratamento facilitam a compreensão das orientações e contribuem para a construção de outros significados e representações acerca da interação como prática discursiva¹.

Para que a interação seja sistemática, é necessário que as mães sejam objeto da atenção do fonoaudiólogo, a fim de que, de alguma maneira, contribuam para o tratamento de seus filhos. Isso significa realizar um trabalho que pode suscitar dúvidas no fonoaudiólogo. Talvez seja mais por uma questão de limite de fronteiras e ética profissional e menos por condição, uma vez que, na sua formação, ele desenvolve competências para lidar com aspectos mais subjetivos (RODRIGUES, 2010).

1 Prática discursiva: "processos de produção, distribuição e consumo do texto, que são processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares." (RESENDE; RAMALHO, 2004, p. 186).

Refletir sobre a atuação fonoaudiológica é pensar na possibilidade de transformação tanto profissional quanto coletiva. Profissionalmente, afirma-se que esse fazer está em constante transformação, resultante de descobertas científicas, de novas técnicas e nomenclaturas, bem como procedimentos que buscam, além de possibilitar que o paciente tenha melhor prognóstico, a humanização do atendimento, acompanhando, assim, as mudanças e demandas sociais.

De modo coletivo, as mudanças influenciam e são influenciadas pelas relações e interações, que, cada vez mais, revelam discursos construídos por uma visão de mundo individual, adaptada aos mais diversos contextos sociais.

A crença em uma conduta fonoaudiológica humanizada, pautada por métodos clínicos e que considerem o sujeito social e a sua história individual, contribui para a tomada de direcionamentos e estratégias a serem utilizadas pelo profissional.

O papel do fonoaudiólogo deve ser técnico, mas requer também a *consciência* e a *manutenção* da relação com o cliente – paciente – família para a obtenção de um resultado positivo para todos (MARTINS, 2004).

No seu aspecto educativo, considera-se a prática da interação como dimensão política, ao proporcionar um espaço de conhecimento e de conteúdo ideológico importante. Ao adotar essa perspectiva mais ampla de ideologia, que favorece a compreensão da visão de mundo dos sujeitos usuários dos serviços de saúde, materializada na e por meio da língua, é possível adentrar em seus discursos e conhecer um pouco mais sobre o que envolve essa prática social por intermédio dos discursos.

A língua enquanto discurso é ação, que é uma forma de prática social, pois é constituído pela estrutura social que o influencia e está associado ao modo como o evento social é representado: as relações, o tempo, o lugar e também aos atores sociais (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003). Em outros termos, é o modo de o produtor de texto representar o mundo físico, social e psicológico e, sob a sua ótica, expressar seus valores sobre o evento representado.

Assim posto, a interação é um momento de fundamental importância da atuação fonoaudiológica e um *espaço* simbólico para a construção de significados e conhecimentos a serem compartilhados. A partir dessas asserções, uma questão que se coloca é: como os profissionais usam a língua para descrever a interação com as mães?

Os estudos funcionalistas sobre a língua em uso contribuem para embasar a prática clínica da interação e fundamentou, teórica e metodologicamente, as análises aqui apresentadas (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; MARTIN, 2000; MARTIN; ROSE, 2003; MARTIN; WHITE, 2005).

Para compreender a língua em uso em uma situação específica da instância clínica, o conceito de texto é compreendido como a língua em ação para construir significados em um dado contexto (FAIRCLOUGH, 2003).

Com a finalidade de compreender os contextos cultural e situacional da clínica fonoaudiológica, numa perspectiva linguística, este estudo visou a exemplificar textos oriundos de entrevistas com fonoaudiólogos e seu discurso sobre uma prática desenvolvida a partir de práticas médicas e como a língua se prestou a descrevê-la.

Para fins deste artigo, os exemplos basearam-se em uma análise qualitativa de textos resultantes de pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP

UFMG), de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e Ministério da Saúde (MS).

Para descrever os significados interpessoais, foram utilizados os sentidos atitudinais avaliativos, os juízos de valor e posicionamentos produzidos pelos participantes sobre a interação, como escolhas disponíveis no subsistema de Atitude e limitadas ao subsistema Afeto (MARTIN; WHITE, 2005). O Afeto também pode ser descrito por meio de um Processo – grupo verbal, como o Processo material, comportamental, mental, relacional ou existencial, de acordo com o sistema de Transitividade, que ajudou a embasar as discussões.

O critério estabelecido para a inclusão dos participantes foi o de fonoaudiólogos clínicos que atuassem nas diferentes áreas da Fonoaudiologia, em clínicas e consultórios, de ambos os sexos e que aceitassem participar da pesquisa.

Nos textos, as respostas das entrevistas abordadas pelos participantes são indicadas pela letra F e por um numeral em ordem de gravação: F1, e assim por diante. A codificação teve o intuito de preservar a identidade dos entrevistados. Os participantes eram especialistas em Audiologia e Motricidade Orofacial (Conselho Federal de Fonoaudiologia – CFFa).

A análise textual atendeu às seguintes etapas: a) Identificação das realizações e o que foi avaliado; b) Classificação e organização dos dados de acordo com o tipo de realização, se inscrita (explícita) ou se evocada (implícita) de acordo com as categorias de Afeto, no caso desse estudo; c) Categorização das avaliações realizadas e que emergiram nos textos; d) Interpretação dos resultados.

A análise dos dados apontou categorias linguísticas e os discursos representados pela visão de mundo do grupo de profissionais, suas experiências expressas e a descrição na sua perspectiva, a partir de uma pergunta norteadora: "Como você caracteriza a interação com mães na clínica fonoaudiológica?". Assim, pode-se resumir a questão que aflorou no momento das análises e que serviu para nortear este estudo: o que os entrevistados avaliaram e como.

Originalmente, as entrevistas foram gravadas em áudio, registradas por um tempo determinado e transcritas. Para as análises textuais, foram identificadas as unidades centrais e importantes no processamento léxico-gramatical (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004).

Optou-se por analisar a oração, unidade central de processamento léxico-gramatical, em sua função representacional, para compreender a representação dos profissionais, por meio da realização dos *Processos* da Transitividade, as experiências do cotidiano da clínica fonoaudiológica, materializadas na língua.

Ressalta-se a importância de uma análise textual abranger as três metafunções coexistentes nos textos. Contudo, a textual não foi exemplificada neste estudo e a interpessoal foi contemplada por meio do sistema léxico-gramatical e do sistema semântico de Avaliatividade.

Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) desenvolvida por Halliday na década de 1960 refere-se ao estudo de uma dada língua e abarca a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Tem como princípio demonstrar as relações entre uma língua e seu funcionamento em algum contexto social cotidiano. Estuda o texto numa perspectiva contextual e busca compreendê-lo por meio de diferentes níveis de abstração ou estratos da língua: o contexto de cultura, o contexto de situação, a semântica discursiva, a lexicogramática, a fonética/fonologia e a grafologia/grafética.

O termo *sistêmico* diz respeito às redes de sistemas da linguagem. Na perspectiva da estrutura gramatical, a língua em uso, oral/escrita ou sinalizada, é organizada em torno de três áreas de significado, de acordo com a teoria hallidayana, as quais explicam as escolhas dos usuários e sua visão sob um determinado objeto ou evento (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

As manifestações do sistema linguístico fundamentam o uso da língua para construir sentido, para entender a representação das experiências cotidianas internas e externas de indivíduos (ideacional); para a troca de experiências e construção de identidades (interpessoal) e para compilarem as experiências de forma coesa em textos orais ou escritos (textual) (HALLIDAY, 1985).

A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) é uma gramática de escolhas ou paradigmática, cujo princípio organizacional é o 'sistema', que representa a existência de um conjunto de escolhas à disposição do falante/escritor. Cada escolha pode levar a outra em outro sistema mais delicado. Esses sistemas interligados produzem uma 'rede de sistemas'. Cada estrato linguístico está associado a uma rede de sistemas. Assim, temos: redes de sistemas semânticos, léxico-gramaticais e fonológicos/grafológicos.

A visão funcionalista de estudo de uma dada língua, de acordo com a GSF, refere-se ao papel que ela desempenha na vida cotidiana de servir a diversos objetivos e demandas dos indivíduos. A noção de função, nesse caso, difere das gramáticas tradicionais, nas quais as formas e as regras descrevem uma língua estática, ou seja, a função sintática. A perspectiva de língua como um conjunto de escolhas dos falantes/escritores leva em consideração o significado (semântica) e o uso (funcional) de uma língua.

A GSF analisa as realizações linguísticas como escolhas dos falantes de acordo com três princípios básicos:

- o uso da língua é funcional e por isso é motivado, pois tem a função de produzir sentido;
- o sentido é influenciado pelo contexto de situação inserido no contexto de cultura;
- o processo de uso da língua é um processo semiótico no qual a produção de sentido baseia-se em escolhas.

Nessa perspectiva, a língua tem o papel multifuncional, qual seja atender aos tipos de demanda, exigindo do falante o uso de estratégias que atendam aos seus

propósitos comunicativos (HALLIDAY, 1973). O termo *funcional* faz referência à função de produzir sentido e o efeito desejado ou metafunções: *ideacional*, *interpessoal* e *textual* para pessoas produzirem significados ao falarem ou escreverem.

Como a linguagem é funcional, organiza-se e manifesta-se de acordo com diferentes perspectivas na análise sistêmica por meio da Transitividade: a) *Metafunção ideacional* – os significados subjetivos que representam as experiências cotidianas no mundo externo e interno; b) *Metafunção interpessoal* – os significados referem-se à negociação, em trocas interativas, das experiências representadas e à construção de identidades por meio de avaliações, juízos de valor e posicionamentos e c) *Metafunção textual* – os significados indicam a organização dos textos para produzir efeitos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

O sistema de Transitividade descreve as proposições (declarações e perguntas) e propostas (oferta ou demanda de bens e serviços) do falante/escritor. Nesse sistema, uma oração como proposição ou proposta consiste de três constituintes funcionais: a) o *Processo*; b) o *Participante*; c) a *Circunstância*. Por terem sido foco de interesse neste estudo, os diversos Processos encontram-se exemplificados nos fragmentos dos textos.

O Processo é o elemento central da oração como representação e é realizado por um grupo verbal e é o evento propriamente dito; o Participante é realizado por um grupo nominal e realiza o evento ou é de algum modo afetado por ele; a Circunstância é realizada por um grupo adverbial ou frase preposicional, cuja função é adicionar informações contingenciais ao Processo. Os três principais grupos de Processos são: os materiais, os mentais e os relacionais.

Os Processos materiais, do fazer e acontecer constroem a experiência externa e expressam uma ação ou acontecimento, concreto ou abstrato dos Participantes. Representam em orações aspectos das experiências cotidianas e respondem às perguntas *O que alguém faz?* e *O que acontece?* e representam mudanças do mundo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A ação que retrata a interação é exemplificada no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Processo material

1	“Às vezes, às vezes fica muito limitado a uma conversa de corredor ou uma conversa no momento em que a gente <i>entrega</i> a criança...”
---	---

Fonte: Rodrigues, 2015.

Os Processos mentais podem ser subdivididos em três tipos: Processos mentais de *cognição*, relacionados à compreensão, como saber, entender; Processos mentais de *percepção*, relacionados às opiniões; Processos mentais *afetivos*: (a) *emotivos*, relacionados aos sentimentos; (b) *desiderativos*, relacionados aos desejos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Os Processos mentais representam a experiência de emoções, do sentir, as percepções, desejos e conhecimentos, aspectos subjetivos dos Participantes, como exemplificado a seguir.

Quadro 2. Processos mentais

F1	“eu <i>gostaria de saber</i> mais da dinâmica familiar.”
F2	“mas também pra <i>conhecer</i> um pouco essa família né?”

Fonte: Rodrigues, 2015.

Já os relacionais são Processos de *ter* e *ser*, que dizem respeito a um atributo ou à identificação de algo ou alguém, caracterizam um Participante conferindo-lhe uma identidade ou um pertencimento de classe e classificam-se em: (1) intensivos (atributivos e identificativos); (2) circunstanciais e (3) possessivos.

A caracterização é realizada por meio do Processo relacional atributivo que qualifica e descreve um Participante. A identidade é realizada por meio do Processo relacional identificativo, que identifica/classifica um Participante em meio a um grupo e possibilita entender como o autor do texto representa as experiências relacionais.

Os Processos relacionais possessivos, e circunstanciais, estão subdivididos em: atributivos e identificativos. Os possessivos estão relacionados à caracterização ou identificação e expressam significados com o verbo ‘ter’. Os circunstanciais relacionam uma entidade a uma circunstância e expressam significados do tipo X está em ou como X é, como ilustra o Quadro 3 a seguir.

Quadro 3. Processo relacional atributivo/identificativo

F1	“... que a gente <i>precisa ter</i> esse tempo... <i>é muito corrido</i> entre uma sessão e outra...”
----	---

Fonte: Rodrigues, 2015.

Há outras categorias de Processos não delimitadas de modo claro, mas que compartilham algumas características dos três Processos citados. São elas: Processo comportamental, Processo verbal e Processo existencial.

Em termos gramaticais, a distinção entre algo que o Participante experimenta mentalmente como um estado emocional e algo que surgiu ao longo do Processo mental é a oposição entre um Processo comportamental e um Processo mental ou relacional (MARTIN; WHITE, 2005).

O Processo comportamental apresenta características tanto materiais quanto mentais e representa o mundo externo por meio de aspectos fisiológicos ou com características psicológicas. Dessa forma, encontra-se na região fronteira entre os Processos mentais e Processos materiais. Nesse tipo de Processo, uma ação é experienciada por um Participante consciente e, por isso, apresenta características fisiológicas ou psicológicas. No segmento o Processo comportamental, do tipo psicológico, foi empregado com o sentido de *valer-se*:

Quadro 4. Processo comportamental

F1	“Então eu <i>aproveito</i> esse momento...”
----	---

Fonte: Rodrigues, 2015.

O Processo verbal manifesta-se por meio do verbo *dizer* e seus sinônimos: falar, conversar, comentar, relatar, entre outros. Entretanto, inclui diferentes modos de dizer e processos semióticos que, necessariamente, não são verbais, como os verbos *mostrar* e *indicar*. Em F1, o Processo *questionar* e, em F2, o Processo *resumir* foram entendidos como *dizerem poucas palavras*. Em F3, o Processo *orientar* foi analisado como *falar* algo, pois para o falante quando interage com a mãe fala sobre assuntos referentes ao contexto de uso da língua. O Processo existencial encontra-se numa linha tênue entre os Processos materiais e os relacionais. Em F3 o Processo *tem* expressa a existência de algo, como a seguir:

Quadro 5. Processos verbais e Processo existencial

F1	"... e a mãe <i>questiona</i> alguma coisa."
F2	"Eu <i>resumiria</i> dessa forma."
F3	"... MAS o resto... todo o tempo você tá <i>orientando</i> ."
F3	"Então eu acho que <i>tem</i> o formal e <i>tem</i> o informal também..."

Fonte: Rodrigues, 2015.

As opções linguísticas expressam, pois, os significados apreendidos em diversas práticas discursivas e sociais utilizadas com um fim. Pode-se dizer que, por vezes, pessoas fazem escolhas para que o outro acredite naquilo que é conveniente e importante. De certa forma, é uma maneira de manter o controle e inculcar uma visão de mundo tida como verdadeira e um modo de manter um *status*, ou seja, a posição que uma pessoa ocupa em um sistema social.

Assim, elementos materializados em textos veiculam posicionamentos por meio da função interpessoal da linguagem, que, em um contexto mais amplo, serve ao estabelecimento e à manutenção de papéis sociais. O conceito de *texto* é compreendido aqui como a língua em uso de uma forma ampla e *discurso* como um modo de representar o mundo físico, social e psicológico (FAIRCLOUGH, 2003).

Como aporte teórico-metodológico, advindo da Linguística Sistêmico-Funcional, o sistema de Avaliatividade possibilita a categorização de recursos empregados por usuários da língua para se posicionarem em textos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Assim, como exposto, a proposta deste artigo é exemplificar elementos avaliativos afetivos em textos de fonoaudiólogos.

O Sistema de Avaliatividade

O Sistema de Avaliatividade insere-se no estrato semântico da Linguística Sistêmico-Funcional na metafunção interpessoal, responsável pelas trocas de experiências e construção ou manutenção de identidade nas relações. O sistema de opções que oferece focaliza, nas relações interpessoais ou no modo avaliativo, como os falantes/escritores revelam seus posicionamentos, opiniões, sentimentos e apreciações sobre coisas, pessoas e eventos nos textos produzidos (MARTIN; WHITE, 2005). Por sua

vez, a metafunção interpessoal é caracterizada também por dois componentes: a *negociação* – lexicogramática de Modo; e a *avaliação* – lexicogramática de Modalidade e demais recursos de Avaliatividade.

Esse sistema complementa a negociação entre os sujeitos da interação. A negociação refere-se às proposições ou às propostas (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Como sistema, apresenta diferentes modos de avaliar as atitudes do cotidiano. Relaciona os significados construídos nos textos aos vários aspectos da organização discursiva, que apontam a origem da avaliação e como é estabelecida e ampliada.

As avaliações levam em conta aspectos sociais, históricos e culturais, envolvem significados graduáveis com o potencial de serem intensificados ou comparados, de acordo com a intensidade dos sentimentos, classificados como positivos ou negativos (MARTIN; ROSE, 2003, p. 23).

O falante ou escritor, na tessitura de seus textos, posiciona-se de modo subjetivo por meio de emoções, de julgamentos apreciativos ou depreciativos, dentre outros aspectos, e busca utilizar estratégias discursivas para a produção de sentidos. No discurso, uma rede de escolhas lexicais expressam opiniões e interage com o ouvinte/leitor.

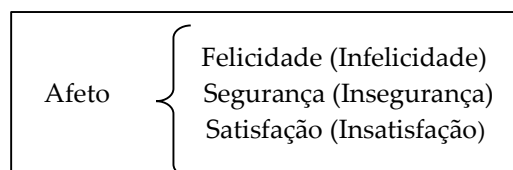
É um sistema organizado em três áreas semânticas que demonstram a presença subjetiva dos produtores de textos: (i) *Atitude* – recursos linguísticos para falantes/escritores atribuírem valores ou asserções em relação a sentimentos emotivos (Afeto), éticos (Julgamentos) e estéticos (Apreciação); (ii) *Engajamento* – recursos para introduzir ou rejeitar opiniões de pessoas em discursos; (iii) *Gradação* – recursos que intensificam ou amenizam as avaliações. Neste trabalho, o foco é demonstrar as emoções afetivas, que emergiram em textos, relativas ao subsistema Atitude, em relação ao Afeto.

Atitude – subcategorias de Afeto

A emoção é uma área de significados relativos aos sentimentos, cuja escolha do produtor de texto é condição de entrada para o subsistema Afeto e esse, por sua vez, relaciona-se às emoções positivas ou negativas do falante/escritor, com relação à adesão ou à rejeição. É um recurso utilizado para o produtor de textos se expressar, explícita ou implicitamente, as emoções no discurso e a relação com coisas, pessoas e acontecimentos. Como a avaliação emocional reflete a subjetividade, indica a presença do falante/escritor por meio das escolhas linguísticas expressas estrategicamente.

Assim, todo texto apresenta marcas do produtor, que manifesta valores, emoções e visão de mundo, de acordo com a tipologia de valores de Afeto na Figura 1 a seguir.

Figura 1: Tipos de Afeto



Fonte: Martin; White, 2005.

A forma de realização das avaliações ocorre por meio dos recursos léxico-gramaticais e por estruturas oracionais completas. Entretanto, ressalta-se que a avaliação inclui atitudes implícitas, dependendo da posição que adota o analista sobre o texto construído, bem como em função dos valores e sistema de crenças adquiridos socialmente.

Os sentimentos emotivos que emergem em textos podem ser determinados ou causados por algo e ser culturalmente construídos, graduados e desencadeados pela realidade (PLANALP, 1999; HÄNNINEN, 2007). Os sentimentos expressam tipos de estado emocional por meio de verbos, adjetivos, advérbios e outros recursos desencadeados como reação a algo que funcionou como um *gatilho* (MARTIN; WHITE, 2005, p. 47).

Para fins de exemplificação, destacam-se alguns fragmentos, nos quais foram identificados, por meio de recursos lexicais, os sentimentos e juízos de valor emitidos pelos autores. Os exemplos foram agrupados segundo a tipologia de Afeto e incluíram as possíveis variáveis de sentimentos encontrados:

i) *Felicidade/infelicidade* – emoções que dizem respeito aos sentimentos do coração, construídos culturalmente, positivos ou negativos, explícitos ou implícitos. São pressupostos assumidos por falantes e compreendem sentimentos emotivos de felicidade ou tristeza, como os exemplos a seguir.

Quadro 6. (In)Felicidade

F1	“Eh eh... eu...eu acho que <i>é razoável</i> porque pelo tempo que nós temos de atendimento e o dinamismo entre uma sessão e outra...”
F1	“Às vezes, às vezes <i>fica muito limitado</i> a uma conversa de corredor ou uma conversa no momento em que a gente entrega a criança e a mãe questiona alguma coisa.”
F2	“O paciente vai ter mais aten... vai vai ter <i>confiança</i> também, uma vez que <i>eu tenho um bom relacionamento</i> com a família dele...”
F2	“Acho que <i>é um momento importante</i> assim... <i>é um dos mais importantes</i> do processo terapêutico.”
F5	“Acho que a mãe que você tá mais perto dela... sei lá... ela se sente mais acolhida... não sei se a palavra <i>é essa</i> ... ela acaba se comprometendo mais. Em alguns casos não resolve não né? mas... na maioria ... acho que <i>funciona bem</i> .”

Fonte: Rodrigues, 2015.

Os Processos relacionais, realizados pelos verbos *ter*, *ser* e *estar*, nos exemplos acima, expressaram a existência ou uma característica de algo ou de alguém, eventos e instituições. Nos fragmentos, o posicionamento do autor realizou-se por meio dos verbos *ser* e *ficar* (no sentido de *ser*) acrescido de um adjetivo.

A visão de mundo de F1, experiência interna construída por meio da consciência, foi motivada pela necessidade de caracterizar a interação, com um Processo

relacional e atributo. O sentimento emotivo que emergiu foi o de *desânimo* ou *desapontamento*, realizado também por gradação (muito). Os discursos que emergiram também sinalizaram sentimentos emotivos positivos de *ânimo* ao descreverem a importância da interação, a *alegria* no modo de atuação profissional e os resultados alcançados.

F2 expressou um sentimento positivo de *alegria* como referente ao bom relacionamento com a família e paciente. Identificou-se uma profissional que busca desenvolver um vínculo de confiança com as mães. *Confiança* teve a função de realizar o sentimento emotivo positivo. Em F5, o sentimento emotivo positivo, realizado pelo atributo, evocou o *ânimo* com o resultado da interação e do acolhimento à mãe.

ii) *Segurança/insegurança* – sentimentos que se referem ao bem-estar social, de ambientes ou de pessoas que compartilham um espaço, expressam agrado ou aflição, associados, nesse caso, aos papéis e à atitude de profissionais ou de outras pessoas nos textos abaixo.

Quadro 7. (In)Segurança

F1	“Então <i>se tivesse</i> um tempo, um algo mais eu <i>gostaria</i> de saber mais da dinâmica familiar, como seria, <i>se tivesse</i> um tempo a mais.”
F1	“Então... <i>eu não entro</i> em questões eh... que eu acho que não são da minha alçada...”.
F3	“A interação vem... na orientação quanto ao que vai ser feito, ao que a gente <i>precisa</i> que a criança responda...”
F4	“Eh... o trabalho <i>precisa ser feito diariamente</i> . Então... eh... eu tenho que passar igualzinho pra mãe fazer em casa.”
F5	“... não adianta ter um vínculo só com o paciente, <i>tem que ter</i> esse vínculo com a mãe. Primeiro, pra estabelecer uma confiança...”

Fonte: Rodrigues, 2015.

Observou-se em F1 o sentimento de *desagrado* no modo como o *sistema* funciona na clínica fonoaudiológica, a *expectativa*, o *desejo*, por meio do Processo mental *gostaria*, de ter um tempo maior com as mães, realizado linguisticamente também por modulação de prontidão (*se tivesse*). F1 realizou por meio de um Processo verbal *entrar* (no sentido de *abordar, falar*), a função de sinalizar a *certeza* em não abordar questões fora do âmbito clínico e que deveriam ser tratadas por outros profissionais. O Processo verbal produziu significados por meio do *dizer* e seus sinônimos, realizado na oração pelo verbo *entrar* e, nesse caso, relatou a relação simbólica construída pela consciência e expressa pela língua.

O exemplo de F3 revelou um sentimento positivo de *tranquilidade* e *segurança* em relação à atuação e papel profissional. A modulação de obrigação (*precisa que*) realizou o sentimento de *certeza* do seu empenho profissional.

As ocorrências avaliativas realizadas linguisticamente revelaram sentimentos emotivos positivos associados ao papel profissional e ao papel da mãe. F4 apontou, por meio de modulação de obrigação (*precisa ser*) e advérbio (*diariamente*), o sentimento positivo associado à *perseverança* do profissional e ao que a mãe precisa fazer para dar continuidade ao seu trabalho. F5 evocou o sentimento de *certeza* por meio da modulação de obrigação (*tem que*), a necessidade de um vínculo de confiança com as mães no processo terapêutico.

Os mecanismos linguísticos utilizados para avaliar os sentimentos emotivos como intenção ou como reação a algo real são descritos a seguir:

iii) *Satisfação/insatisfação* – sentimentos emotivos de realização ou de frustração. As emoções referiram-se aos sentimentos de *frustração, incerteza, desagrado, prazer e realização*:

Quadro 8. (In)Satisfação

F1	“Às vezes, às vezes <i>fica muito limitado</i> a uma conversa de corredor ou uma conversa no momento em que a gente entrega a criança...”
F1	“Então eu... eu... <i>acho... pouco</i> tempo pra essa conversa.”
F1	“... às vezes <i>fica até meio comprometido</i> quando você ia orientar às vezes a mãe já te interrompe com outros questionamentos.”
F4	“... então <i>torna-se até muito difícil</i> explicar pras mães eh eh eh acaba que a nossa terapia...o que poderia acabar em um mês, dois... eh... dura um ano, porque <i>elas não compreendem</i> ,”
F5	“Acho que <i>é um momento de conforto</i> que a gente dá pra mãe, porque muitas vezes a mãe chega <i>desesperada</i> assim... sem saber o que tá acontecendo.”

Fonte: Rodrigues, 2015.

Nos fragmentos, os sentimentos negativos de *frustração* e *incerteza* de F1 foram realizados por meio de Processos relacionais (*fica* e *tornar* no sentido de *ser*), além de gradação (muito, pouco, meio) sobre o pouco tempo para a interação. Além disso, o Processo mental *achar*, como Processo do sentir, expressou o mundo interno da percepção, da cognição e dos desejos. Semanticamente, o Processo constrói a experiência de mundo consciente. No caso, emergiu o sentimento de *desagrado* sobre um ponto de vista.

F4 realizou uma avaliação por meio de Processo relacional (*tornar* no sentido de *ser*), que revelou a dificuldade de compreensão das orientações pelas mães e o sentimento emotivo de *desagrado* por ter que repetir as orientações.

O sentimento positivo de *prazer* de F5 foi realizado por Processo relacional *ser* e conferiu um atributo ao momento de interação. O verbo realizou o sentimento de *satisfação* e *realização* profissional em relação à prática. Além disso, a característica

(desesperada) conferida à mãe remeteu ao sentimento que emergiu sobre a condição dela mesma.

Diante do exposto, percebe-se que as escolhas linguísticas, por meio dos recursos atitudinais afetivos, foram estratégias semântico-discursivas construídas de uma representação positiva em relação à: (i) certeza de um tempo maior para as interações e a necessidade de um vínculo com as mães; (ii) tranquilidade em relação ao papel profissional e (iii) ânimo com os resultados alcançados. A representação negativa deu-se com relação à: (i) frustração com a limitação que o sistema institucional impõe em relação ao tempo para as interações e (ii) incerteza da compreensão das mães acerca das informações profissionais.

Ao retomar os princípios da Gramática Sistêmico-Funcional, infere-se que os componentes funcionais do sistema semântico foram organizados, de modo funcional e sistemático, para demonstrar realizações linguísticas nos textos. Assim, o sentido da interação construído transpareceu a visão de mundo, particularidades e aspectos subjetivos dos falantes, com declarações e opiniões por meio de Processos da metafunção ideacional, utilizados para o oferecimento de informações.

Os falantes fizeram uso da língua para avaliar a prática discursiva, e os significados atitudinais avaliativos revelaram juízos de valor e posicionamentos, como escolhas disponíveis no Sistema de Atitude, limitadas ao subsistema Afeto. Os significados apontaram uma proposta de prática clínica ideal ao expressarem o desejo de terem mais tempo com as mães. O uso da linguagem verbal de maneira intencional confirmou ações empreendidas e mudanças comportamentais, que, entende-se, contribuirão para o desenvolvimento do paciente. Isso foi constatado por meio dos Processos exemplificados, que materializaram as ações empreendidas, comportamentos, manifestações da consciência e opiniões.

Os discursos materializaram o cotidiano da atuação clínica profissional resultante do sistema instituído e um sistema de conhecimentos e crenças do grupo de profissionais.

As ponderações e reflexões dos entrevistados, as percepções e emoções que afloraram, foram construídas socialmente como uma reação emocional às experiências vividas, aos estados mentais e valores culturalmente construídos pelo grupo social/profissional e, pela linguagem, apontou o contexto de situação – interação fonoaudiólogos/mães, constitutivo de sistemas de conhecimento e crenças.

As realizações avaliativas carregadas de emoção nos discursos dos profissionais foram posicionamentos com o intuito de mostrar como é o contexto de situação clínico, sob a sua ótica, e buscar solidariedade do ouvinte com relação aos valores expressos.

Torna-se importante salientar, como analista e fonoaudióloga, que os exemplos, aqui apresentados, são interpretações subjetivas e com base em um ponto de vista amparado em ideologias próprias.

Considerações finais

A visão dialógica permite ao entrevistador compreender uma dada situação na visão do participante, neste caso, a interação na instância clínica e as ações empreendidas pelos sujeitos relacionadas ao contexto em que a interação acontece (BAKHTIN, 1988).

As análises dos discursos, materializados nas escolhas sistêmicas, mostraram a relação léxico-gramatical, semântico-discursiva e a atividade social, que é pressuposto teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, contribuindo para a produção de significados social e culturalmente legitimados, confirmando, assim, a relação texto/contexto.

As avaliações de Afeto identificadas, positivas, negativas, explícitas, pressupostas ou implícitas, encontradas em textos orais, expressaram as emoções nos discursos nos exemplos, apesar de o potencial linguístico da rede sistêmica da Avaliatividade e da Transitividade nos fragmentos exemplificados não esgotarem a possibilidade de análises.

Por fim, as reflexões deste estudo não têm a pretensão de generalizar os achados e de esgotar o tema, mas sim de estimular o diálogo entre a Fonoaudiologia e a Linguística e contribuir para futuras discussões.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BEDNAREK, Monika. *Emotion Talk Across Corpora*. Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2008.
- CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. *Especialidades reconhecidas*. 2006. Disponível em: <http://www.fonoaudiologia.org/legislacao>. Acesso em: 03 maio 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London/New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse*. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HÄNNINEN, Kirsi. Perspectives on the narratives construction of emotions. *Elore*, 14. (2007): 01-09. 2007. Disponível em: <https://journal.fi/elore/article/view/78632/39531>. Acesso em: 15 ago.2020.

LEMES, J. M. P.; LEMES, V. A. M. P.; GOLDFELD, M. Desenvolvimento de linguagem infantil e relação mãe/filho na brincadeira simbólica: a importância da orientação fonoaudiológica. *Revista Distúrbios da Comunicação*, 1, (18): 85-94. 2006. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11762>. Acesso em: 17 jul. 2020.

LEMOS, Cláudia Therza Guimarães de. Prefácio. In: PERRONI, Maria Cecília. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: Appraisal Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). *Evaluation in Text*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with discourse*. Meaning beyond the clause. London: Continuum, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTINS, M. C. F. N. *Humanização das relações assistenciais: a formação do profissional de Saúde*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

MASINI, Maria Lucia Hage. *O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica*. São Paulo, PUCSP/SP. (Tese. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), 2004.

PASSOS, M. C. Família e clínica fonoaudiológica, em tese. In: PASSOS, Maria Consuelo (org.). *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. 2. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

PLANALP, Sally. *Communicating emotion: social, moral and cultural processes*. Cambridge: University Press, 1999. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/communicating-emotion/7329F7ABE1CDBE47FEF8E88227AE7F1D>. Acesso em: 17 jul. 2020.

RATES, C. M. P.; PESSALACIA, J. D. R. Conhecimento de pesquisadores acerca das normas éticas para pesquisas envolvendo humanos. *Rev. Bioética*, 21, (3):566-574. 2013. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/859. Acesso em: 15 ago. 2020.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. C. V. S. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, 5, (1):185-207, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0501/050109.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

RODRIGUES, Maria de Fátima Garrido. *Análise constitutiva do discurso das mães de crianças em tratamento fonoaudiológico sobre interação com o profissional*. Dissertação (Mestrado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras, UFMG/MG, Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, Maria de Fátima Garrido. *Interação na clínica fonoaudiológica: momento de estratégias discursivas e desenvolvimento profissional*. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras, UFMG/MG, Belo Horizonte, 2015.

VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro e João Editores. 2010.